

Resenha

DEL PRIORE, Mary Lucy. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo, Brasiliense, 2000.¹

Catarina Cerqueira de Freitas Santos

Constante em todas as sociedades e em todas as culturas, a festa só passou a ser um campo efetivo de estudo da História a partir da emergência das abordagens da chamada História das Mentalidades. Linguistas, antropólogos e sociólogos já se debruçavam por essa forma de sociabilidade definida ora por sua capacidade de transgressão, efervescência e agregação e ora descrita como instrumento de manutenção da ordem. No caso da historiografia só a partir da década de 70/ 80 e efetivamente nos anos 90 que as pesquisas tiveram como objeto a reflexão e a análise da festa, e não apenas limitaram-se a descrevê-la à moda dos folcloristas - de forma estanque não observando os processos de mediação e transformação entre o passado e o presente.

Mary Del Priore, historiadora da geração dos anos 90, vencedora de diversos prêmios por suas obras e com vasta produção sobre História Cultural e História das Mentalidades, escreveu o livro *Festas e Utopias no Brasil Colonial* que se tornou bibliografia fundamental para os estudiosos que pretendem investigar formas de sociabilidade no Brasil desde o período colonial. Esse caráter de obra de referência está ligado a quase inexistência de trabalhos historiográficos que dêem conta das festas brasileiras em sua totalidade, e o livro de Del Priore ainda que em menos de 200 páginas e de maneira pouco profunda tem a proposta de abordar e analisar elementos constitutivos das festividades brasileiras em geral.

Sem se limitar a uma linha cronológica ou a descrição exaustivas de festas específicas das províncias coloniais, o livro é dividido em 9 capítulos que buscam identificar fatores e elementos que caracterizam, e de certa forma unificam, as

¹ Resenha originalmente apresentada ao Prof. Dr. João José Reis no decurso da disciplina Historiografia II, no semestre 2009.1.

O profano é sagrado na Bahia

imagens e representações da cultura popular

festas na colônia, assim como as diferentes percepções que os participantes possuem em relação à festa. Os primeiros dois capítulos mostram as visões dos observadores e os preparativos que antecedem a organização dos festejos. Os capítulos posteriores mostram as apropriações dos diversos setores da sociedade de aspectos da festa, os seus elementos constitutivos e, por fim, como o Estado e a Igreja tentaram estabelecer um controle efetivo sobre as festividades.

A obra de Bakhtin, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* (1999), sem dúvida foi a base teórica fundamental para a elaboração desse livro. Ainda que a autora não o cite todas as vezes que se apropria dos conceitos do lingüista, é evidente em todos os capítulos a presença da reflexão bakhitiniana. Elementos como baixo corporal, o banquete, o riso, as inversões e principalmente a idéia de circularidade cultural, que foi elaborada baseada nas teorias de Bakhtin, são recorrentes e enriquecem a obra. Contudo, em termos teóricos, a autora, na sua introdução, comete um deslize imperdoável ao igualar folclore à cultura popular. Os debates acadêmicos já avançaram no sentido de considerar o “folclore” como uma forma conservadora de enxergar as manifestações populares de forma estanque e imutáveis; o próprio *Festas e Utopias no Brasil Colonial* nega essa fórmula ao apresentar a dinamicidade das diversas festas ao longo da história brasileira.

As principais fontes utilizadas pela autora são os relatos dos viajantes estrangeiros, o registro de cronistas, poemas de Gregório de Mattos e principalmente a documentação eclesiástica e a das Câmaras responsáveis por financiar e controlar as festas. Ainda que Del Priore tenha recorrido a um número extenso de fontes em arquivos diversos como indica sua bibliografia final, há um problema enorme no interior da obra: não existem notas de rodapés ou qualquer referência formal às fontes citadas no decurso do livro. Esse fato dificulta a vida dos pesquisadores que pretendem, a partir das citações, buscar a origem da fonte *in loco*. Apesar desse grave problema a análise das fontes é realizada de forma bastante criteriosa uma vez que ela procura identificar nos narradores da festa um olhar de um segmento da sociedade, que possuindo o instrumento precioso da escrita, pode representar a festa da maneira que desejava ou idealizava. Cabe ao pesquisador apreender aquilo que eles não quiseram registrar, e perceber que o

O profano é sagrado na Bahia

imagens e representações da cultura popular

vivido da festa necessariamente não correspondia às representações que se fazia dela.

O tempo da festa responsável por romper a rotina, não deve ser percebido apenas como um momento de escape das vicissitudes do cotidiano. A festa por si só é um fato social, político, simbólico e religioso que permite aos participantes a incorporação de normas e valores da vida coletiva. É ainda, um momento de integração social e de distinção social. Os excessos e as transgressões permitidas naquele instante de comunhão, segundo a autora, impedem que o corpo social seja domado por um descontrole durante a vida cotidiana. As autoridades sabiam dessa funcionalidade da festa, e a utilizavam como canal por meio do qual se tentou impor regras às comunidades.

O Estado Moderno Português vai estar sempre por trás da festa empenhado no processo de normatização da Colônia. Além disso, a organização da festa, a iluminação e a concessão de financiamentos e escolas serviam eficientemente como instrumento da propaganda estatal. Os festejos reais, como as “Entradas”, eram utilizados para criar um laço simbólico e ilusório de intimidade entre o povo e seu governante, uma vez que o rei estendia sua privacidade ao público em forma de festa comemorativa; ou seja, a festa era uma concessão real. A festa-concessão ocorria por causa dos desígnios do rei ou devido ao calendário religioso, significando que era preciso estar ligado ao rei ou a Igreja para dela participar. A aliança entre Estado e Igreja procurava moldar o comportamento dos colonos, interferindo nas suas formas de sociabilidade e comunicação.

No momento em que a festa ganha as ruas, entretanto, mesmo que ela esteja articulada com o todo oficial, ela ganha independência e significado diferente para cada setor participante da sociedade. As festas começavam pelo desfile de símbolos (mastros, bandeiras, foguetes) que, para as corporações de ofício mais ricas e para os grupos sociais privilegiados, representavam o momento de exaltar suas posições, valores e prestígios. Seguiam-se depois as procissões caracterizadas pela autora como *uma festa dentro da festa* por ter a capacidade de mobilizar todos os setores da sociedade e promover a circularidade de idéias e cultura. Nelas os carros alegóricos têm o papel de destaque, pois funcionavam como suporte para a

O profano é sagrado na Bahia

imagens e representações da cultura popular

divulgação das idéias da Igreja. No período barroco, inclusive, os carros alegóricos ficaram cada vez mais pomposos e adornados.

As doações realizadas para a preparação desses desfiles na procissão revelam que havia uma elite de homens pardos e mulatos que participavam de irmandades e confrarias contribuindo para festas de seu grupo social. Mesmo afinado com a cultura europeia, o espaço da festa também propiciava que esse grupo aproveitasse para expor tradições africanas. A festa da coroação do Rei do Congo era um exemplo de confluência das culturas europeias e africanas. Ao contrário dos candomblés e batuques tais manifestações eram toleradas pelas autoridades por representarem formas de “folgedos honestos”.

Índios, negros, mulatos e brancos manipulam as brechas no ritual da festa e as impregnam de representações de sua cultura específica. Eles transformam as comemorações religiosas em oportunidade para recriar seus mitos, sua musicalidade, sua dança, sua maneira de vestir-se e aí reproduzir suas hierarquias tribais, aristocráticas e religiosas. (...) o Estado Moderno está, por outro lado, empenhado em modificar os códigos culturais que desabrochavam na Colônia (p. 89)

As danças profanas também invadiam a festa da colônia como forma de permitir a participação dos negros e índios no culto católico. A presença das danças na festa é ainda um resquício do processo de catequese sofrido por essas populações. Dançava-se a chegança, a chula, os cocos, os gongos, os lundus; danças de raízes africanas e ibéricas. Na metrópole as danças associadas à colônia também eram divulgadas, o que mostra uma circulação de idéias nos dois sentidos: no Brasil e no além-mar. A musicalidade negra também se fazia presente nas comemorações, sempre inspirando o desagrado das autoridades eclesiásticas, um vez que, os batuques eram vistos como práticas não-cristãs com vestígios de paganismo. A luta contra os ritmos africanos era também uma luta contra o erotismo e a sensualidade das danças entre casais. Já os fidalgos divertiam-se com as encamisadas e cavalarias que, muito mais que jogos, representavam oportunidades nas quais se sublinhavam hierarquias e equilíbrios da comunidade colonial e momentos nos quais os sistemas de clientelas e audiências sociais eram consolidados.

Alguns eventos ainda são imprescindíveis para compor a pluralidade de acontecimentos da festa. O milagre é um deles. Sua presença nas festas religiosas tem a habilidade de aproximar o povo do divino, tem a capacidade de dar feição

O profano é sagrado na Bahia

imagens e representações da cultura popular

humana às entidades sagradas, já que, de alguma forma, elas estariam participando da festa. Outro ponto é que um milagre também pode ter a função perenizadora da festa por ficar marcado na memória desses participantes e ser lembrado a cada nova festa.

Juntamente com o milagre, a distribuição de comida congrega um momento impar nas celebrações. Os alimentos consumidos estão diretamente ligados com as colheitas. A gastronomia das festas juninas, por exemplo, está relacionada com a produção agrícola do período. O ato de comer junto poderia ser remetido à força da integração social gestada durante a festa. Além das comidas oferecidas pelas autoridades algumas irmandades tinham o hábito de distribuir alimentos, destacando as diferenças entre quem dá e quem recebe esse tipo de esmola. E por fim, as negras quituteiras ou as escravas de ganho não perdiam a oportunidade de oferecer em seus tabuleiros variados quitutes.

No meio da diversão elementos como a dança, a bebida e a comida em excesso viram pano de fundo para acerto de contas, vinganças e combates. A escolha desse momento para um acerto de contas acrescenta mais essa funcionalidade para as atividades festivas. A festa que permitia aos grupos sociais se solidarizarem, não apagava certas fraturas e intrigas da vida comunitária

A partir das reformas tridentinas há um controle maior sobre a festa na colônia na tentativa de suprimir ou purificar a cultura popular não cristã e os exageros que ocorriam no instante festivo. Uma das pautas de combate eram as práticas mágico-religiosas da religiosidade popular realizadas em dias de festas católicas. A cultura popular apropriava-se do espaço da festa por acreditar que nesse período o terrestre e celeste estavam mais próximos, e a população utilizava-se de todo o tipo de sortilégio para conseguir manipular o sagrado a seu favor. O espaço da Igreja, por exemplo, ponto de chegada e partida das procissões e local de reuniões, foi o alvo de intensas pregações para que ele se mantivesse como um lugar sacro, uma vez que as igrejas eram um espaço de confraternização que devido à aproximação das pessoas convidava a transgressão. Del Priore cita que nas Constituições do Acerbispado da Bahia a orientação é que “nas igrejas não se façam farsas e jogos profanos, nem se coma, beba, durma, baile ou façam novenas” (p. 92). Esses hábitos revelam que a igreja para os fieis não era apenas

O profano é sagrado na Bahia

imagens e representações da cultura popular

um lugar de mediação entre Deus e os homens, era prioritariamente um lugar de sociabilidade.

A Igreja pretendia enquadrar todas as atividades envolvidas na e pela festa: a procissão, os bailes, a comida, os jogos, as bebedeiras. O alvo era tudo que era o profano, devendo permanecer nas comemorações apenas o que era sagrado e ligado ao institucional. Na prática a realidade era outra. Enquanto a Igreja tentava coibir os pecados a população acreditava que era na festa justamente o momento de cometê-los. Não se come e não se bebe como se faz cotidianamente; é tempo de excessos. Aos olhos da multidão a festa vai possuir significados distintos daqueles que são (im)postos pela Igreja e pelo Estado. O momento do encontro e da reunião facilmente transformava-se em protesto e caricatura. A heresia e a chacota dos gestos religiosos ficavam mais claras durante os festejos e a presença do baixo corporal, através de afrontas que utilizavam excrementos, miasmas e gestos obscenos contrastava com os símbolos religiosos da festa. Para as camadas inferiores as celebrações configuravam-se como o espaço para manifestar seus descontentamentos. A insatisfação se fazia presente na violência, no obsceno e no riso. Em uma só palavra o tempo da festa era um tempo de utopias.

Festas e Utopias no Brasil Colonial pode ser considerado um livro superficial que tende às generalizações por não se aprofundar em fenômenos e questões específicas. Contudo, o mérito da autora é não considerar a festa exclusivamente como instância de legitimação ou apenas como força de desagregação temporária, mas como dramatização da experiência coletiva gestada diariamente e que ao mesmo tempo conspira contra o cotidiano. A festa é uma mescla de processos culturais híbridos que se não fosse uma forma de dizer sim a vida e de renovar as expectativas do povo, não se faria presente até os dias atuais.

Bibliografia citada:

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de Brasília, 1999.